

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE POS GRADUACAO EM PSICOLOGIA SOCIAL
XV ABRAPSO - Maceió

O PROCESSO DE COOPERAÇÃO COMO MODO DE SUBJETIVAÇÃO NO TRABALHO RURAL

LEANDRO INÁCIO WALTER (nandowalter@hotmail.com)
ÁLVARO MERLO (ORIENTADOR) (merlo@ufrgs.br)

1. À guisa da definição da problemática

O modelo de desenvolvimento agrário brasileiro durante muito tempo esteve voltado a grande escala direcionada a exportação. Este fato é diferenciado em relação ao modelo de produção de alimentos de muitos países europeus investidores no modelo familiar de produção. A agricultura familiar brasileira tem sido produtora de boa parte dos alimentos básicos para consumo interno do país, apesar do cenário econômico pouco favorável.

O processo da constituição da subjetividade do trabalhador rural, pela via do trabalho é o objeto amplo desta investigação com agricultores organizados através de coletivos. Tendo em vista o considerável nível de adoecimento desta população constatado num levantamento realizado neste estudo e o difícil acesso desta aos serviços de saúde, torna-se importante investigar os processos de trabalho no minifúndio familiar em sua complexidade desde o olhar da Psicologia Social visando oferecer contribuições a uma compreensão mais elaborada acerca dos processos de cooperação no trabalho desses sujeitos por este ser compreendido como uma estratégia de saúde.

A divisão do trabalho rural é diferenciada no que diz respeito ao trabalho industrial. O condicionamento da produção agrícola está relacionado a fatores climáticos como estações do ano, chuvas e estiagens, impondo limites à produção do capital agrário. Na prática o agricultor trabalha mais horas que um operário, para adquirir o trabalho deste, produzido com menos força de trabalho. O trabalhador trabalha com mão de obra familiar, não incluindo esta dimensão na avaliação final de custos em seu rendimento final, não perdendo de vista que é a própria família a responsável pela produção, sendo que a “atividade de seus membros excede, em grande parte do tempo, a jornada normal de trabalho de um assalariado, seja em turno de tempo, seja em turnos de produtividade” Sobrinho (1995, p. 573).

Um estudo de Peres *et al* (2005) demonstra o desenvolvimento de ideologias defensivas conforme a leitura da psicodinâmica do trabalho entre horticultores numa comunidade carioca acerca do uso de agrotóxicos. A minimização dos efeitos colaterais sobre a saúde, o uso da terceira pessoa para mencionar intoxicações agudas e a individualização dos sujeitos como frágeis, são identificados como indícios de negação dos riscos que possibilitam a execução da tarefa agrícola.

Como constatam estudos, a população rural ainda sofre dificuldades a acessar os serviços de saúde, em especial o Sistema Único de Saúde – SUS (Denardin *et al*, 2003; Travassos & Viacava, 2007). Se considerarmos que a formação dos profissionais de saúde não inclui de forma adequada a pertinência do trabalho como fator de saúde/adoecimento, há lacunas que fragmentam os atendimentos em saúde e a atenção em saúde, embora haja uma preocupação oficial a este respeito BRASIL (2001). No que tange ao sofrimento psíquico, o estudo de Levigard & Rozemberg (2004) descreve através de relatos de profissionais de saúde quase sua unanimidade na afirmação de que apesar da beleza e da calma do perímetro rural, as pessoas são muito estressadas, muito “nervosas”. O sofrimento é diversificado e se manifesta através das intoxicações por agrotóxicos, a desvalorização econômica da atividade agrícola, a sobrecarga de trabalho, a perda progressiva da terra como referencial de vida, o cansaço com os grandes deslocamentos para a cidade, o desemprego na área urbana, a falta de

perspectiva com o futuro, isolamento social, a insatisfação conjugal, a aculturação a valores diferentes daqueles do grupo de origem, e a falta de lazer, entre os determinantes apontados para as manifestações de nervosismo nas comunidades. Estudos como Faria *et al.*, (2000) e Costa & Ludermir (2005) demonstram a presença de transtornos mentais no meio rural em dimensões superiores a população urbana.

Outro fator de risco apontado por inúmeros estudos é a contaminação por uso de agrotóxicos ocasionando inúmeras intoxicações agudas e danos a longo prazo aos indivíduos. A sintomatologia da intoxicação aguda inclui suor, salivação, lacrimejamento, fraqueza, tontura, dores e cólicas abdominais, seguidas de vômitos, dificuldade respiratória, colapso, tremores musculares, convulsões e morte. Os indícios de contaminação a longo prazo incluem fraqueza muscular e confusão mental, prejuízos da capacidade de abstração verbal, atenção e memória. Poderá levar a sintomas de depressão, fator de risco de suicídio Pires *et al.* (2005). Se há adoecimentos com essas características, subentende-se o uso inadequado destes produtos quando mal administrados são nocivos à saúde e ao meio ambiente. Logo, por falta de informação ou desconhecimento de métodos preventivos eficazes como apontam alguns estudos (Costa & Ludermir, 2005; Faria *et al.*, 2000; Gomes & Rozemberg, 2000; Peres *et al.*, 2004; Peres *et al.*, 2005) ou mesmo os agricultores ignorarem em parte ou totalmente os riscos provenientes de seu uso, ocasionando índices significativos oficiais de intoxicações e outros agravos, sem levar em consideração a subnotificação.

Um estudo realizado com agricultores familiares da Quarta Colônia de Imigração Italiana no RS Denardin Budó *et al.* (2003) apontou a forte correlação do trabalho como fator de saúde, demonstrando a importância da atividade laboral agrícola como elemento fundamental na constituição da saúde mental.

A Psicologia Social brasileira tem se ocupado predominantemente em investigar aspectos psicossociais do meio urbano. Cabe destacar que cerca de um quarto da população brasileira reside em municípios com menos de 20 mil habitantes, reivindica a inclusão desta dimensão na Psicologia Social brasileira de forma mais consistente considerando a diversidade da realidade brasileira Albuquerque (2002).

2. Marco teórico

A análise parte do pressuposto da centralidade do trabalho como perspectiva de compreensão da forma de produção de subjetividade e sujeitos considerando a afirmação de Dejours em Lancman & Sznalwar (2004) de que há uma colonização dos espaços de trabalho fora do horário oficialmente estabelecido. A dimensão subjetiva assim opera, inexistindo a clássica divisão do dentro e fora do mundo do trabalho. A suposta divisão do lar e o trabalho subtraem a mesma área geográfica será um dos aspectos a serem investigados acerca do trabalho dos pequenos agricultores.

Conceber a saúde na perspectiva do trabalho como resistência, na medida que são elencadas mecanismos de defesa individuais e coletivos é uma forma diferenciada de compreender os processos de adoecimento e saúde. Esta concepção foge à tradicional concepção do binômio saúde-doença, subvertendo esta elaboração conceitual. O foco não será o adoecimento, mas o entendimento da forma como os agricultores de forma individual e/ou coletiva irão operar na via de produção de saúde através de suas defesas. Assim, a pergunta que subjaz as práticas desta compreensão é o que fez com que esse sujeito/grupo não adoecesse em tais condições, ou mesmo não desista deste trabalho? Mendes (2007, p. 33) é bastante categórica ao afirmar que

parte-se de um modelo de homem marcado pelo poder de resistência, de engajamento e de mudança diante da realidade de dominação simbólica, social, política e econômica inerente aos contextos de trabalho. O mundo exerce uma força sobre o sujeito que busca transformá-lo. O corpo físico e subjetivo é pensante e se esforça para resistir à dominação. Esse jogo de dominação-resistência é um constituinte dos processos de subjetivação e coloca em questão o pensamento e a ação humana no trabalho.

Deste modo, a abordagem não vem a ser a descoberta de mecanismos latentes da vida individual do sujeito, ou a busca de mecanismos do passado ou da infância. A proposta do presente estudo constitui-se em esmiuçar e construir de forma coletiva das vivências de prazer e sofrimento no trabalho exercido pelos agricultores nas suas múltiplas formas, através do comentário verbal acerca

das vivências com o trabalho rural. Deste amplo espectro, serão abordados os aspectos que concernem à cooperação no trabalho. A cooperação é um dos analisadores¹ do trabalho que não pode ser totalmente prescrito entre os seus agentes Lancman & Sznelwar (2004). Compreender a cooperação necessita o entendimento da organização do trabalho rural, das diferentes atividades singulares que o compõem, da forma com que constitui a concepção e a execução das atividades humanas no âmbito do trabalho rural. A cooperação se torna possível em condições singulares de vontade, a rigor não prescritas totalmente pela organização do trabalho, através dos agentes em estabelecer entre si laços de confiança através de relações intersubjetivas. A confiança não se estabelece, contudo, somente por aspectos afetivos, mas antes por condições éticas. Desta forma, “a confiança está assentada na visibilidade dos ajustes singulares para fazer frente às insuficiências e às contradições da organização prescrita do trabalho” Lancman & Sznelwar (2004, p. 132). Será no plano da linguagem que se torna viável a análise do campo do trabalho. A dinâmica que mobiliza a cooperação é de forma essencial o par contribuição/retribuição. Numa única palavra: reconhecimento. O reconhecimento é possível de forma monetária ou de maneira simbólica e afetiva mediada no coletivo, social e intersubjetivamente.

2.1. A metodologia da Psicodinâmica do Trabalho

A concepção de trabalho para Dejours é a atividade humana que objetiva realizar aprioristicamente o não prescrito ou formalizado pela organização do trabalho Lancman & Sznelwar (2004). Por esta via, indaga-se acerca da forma e repercussão entre o trabalho e a saúde geral e mental, objeto da clínica do trabalho. Escrito em outras palavras, “a análise psicodinâmica dos processos intersubjetivos mobilizados pelas situações de trabalho” LANCMAN & SZNELWAR (2004, p. 49).

“O real do trabalho” e a atividade prescrita pode ser definida como a lacuna que possibilita, uma relativa *liberdade de ação*, espaço inventivo mobilizador da cognição e do corpo, ou como denomina Dejours, da inteligência prática. A prescrição, ou os modos operatórios prescritos denominados pela ergonomia, não poderá jamais ser integralmente respeitada quando se almeja cumprir a tarefa, é exatamente a causa do trabalho real. A análise ergonômica do trabalho irá verificar justo o rearranjo dos objetos, sendo o sujeito irá tentar aproximar os objetivos e a técnica. Este será o revés muitas vezes desconsiderado pelas teorias do fator humano para Dejours (1997), implicando em uma análise parcial de um processo amplo. Nesta perspectiva, investigar como as tarefas do trabalho rural atuam sobre a subjetividade, mobilizam a inteligência e o corpo desses agricultores num espaço coletivo de discussão.

Para Dejours “o trabalho não causa o sofrimento, é o próprio sofrimento que produz o trabalho” Dejours (1993, p. 103). Assim, a *liberdade de ação* se exercita na medida em que o embate com o real, que poderá ser *sofrido*, mobiliza o sujeito, individual ou coletivamente, a encontrar uma saída a este embate. Na perspectiva da psicodinâmica do trabalho o sofrimento é encarado como a forma ativa em que o trabalhador busca condições de saúde frente às condições e/ou adversidades da esfera do trabalho, permitindo aos sujeitos subverter a lógica do sofrimento, transformando-o em sentido, inteligibilidade e ação. Constitui-se de uma busca pela reapropriação do vivido (sofrimento) através da ação que visa transformar os efeitos do sofrimento através da busca de prazer e satisfação no trabalho, transformando conseqüentemente o trabalho.

O que vem a ser a competência na esfera do trabalho senão a astúcia, a inteligência astuciosa quando se vai refletir acerca da lacuna existente entre o real e o prescrito. Ela é mobilizadora da inteligência frente às situações inéditas, imprevistas, situações novas e cambiantes. A astúcia “esta fundamentalmente enraizada no engajamento do corpo, que funciona graças a uma espécie de mimetismo com as exigências da tarefa, que remete, bem precisamente, à utilização da “sensibilidade” analisada no conceito de atividade subjetivante.” Dejours (1997, p. 46). A astúcia é fundamentalmente uma atividade criativa e inventiva frente às limitações da prescrição do trabalho e se torna importante haver espaços de interlocução para que hajam trocas dessas experiências.

A confiança no trabalho é a condição, não somente de visibilidade, *sine qua non* seria possível à coordenação e à cooperação. Confiança esta não como condição psíquica advinda da clínica, mas a uma condição voltada à ética como forma primordial de garantir a cooperação. Desta forma, será analisado como ocorre a confiança e a cooperação no trabalho rural. Para Dejours (1999, p. 29):

¹ Os outros dois analisadores do trabalho apontados por Dejours são a engenhosidade e a coordenação.

A cooperação supõe que os quebra-galhos sejam visíveis entre os membros do coletivo do trabalho, que sejam visíveis a confiança e, especificamente, a atividade deôntica. Essa atividade deôntica passa por discussões, conflitos, deliberações e arbitragens entre diferentes arbitragens entre diferentes pessoas, e é muito difícil, muito custosa, no plano pessoal, além de quase sempre desconhecida, o que tem efeitos desastrosos sobre a mobilização subjetiva no trabalho.

O sofrimento deve ser compreendido, interpretado, elaborado e perlaborado num espaço público de discussão. Desta maneira, o mecanismo de reconhecimento, e mesmo o de escuta com risco são imprescindíveis no entendimento da dinâmica subjetiva da cooperação. A discussão é a possibilidade de (re)construção dos processos de subjetivação e do coletivo, uma vez que falar do sofrimento leva o trabalhador a se mobilizar, pensar, agir e criar estratégias para transformar a concepção e a execução do trabalho como Mendes (2007).

O reconhecimento constitui-se no processo de valorização do empenho e do sofrimento na realização do trabalho, favorecendo ao sujeito a construção de sua identidade, por via de sua vivência de prazer e a realização de si mesmo Mendes (2007).

A metodologia da psicodinâmica do trabalho é composta por diversas etapas divididas em pré-pesquisa, pesquisa e validação e refutação Lancman & Sznalwar (2004). A etapa final da metodologia consiste na validação e refutação que propõe a criação de um espaço de discussão sobre o curso da pesquisa com os sujeitos participantes da pesquisa, após a análise inicial dos dados. O objetivo é constituir um espaço de participação e apropriação por parte dos agricultores da produção de conhecimento construída na pesquisa por meio da qual a palavra circule e seja possível ouvir os sujeitos através de uma escuta com risco. Desta maneira os sujeitos têm a oportunidade de concordar ou discordar da análise que está sendo realizada, ou mesmo colocar outros pontos de vista, sugerindo alterações. Estas serão realizadas a cada encontro em formato de uma síntese do encontro anterior, sendo apresentada para discussão dos presentes, ou outra forma que o grupo pesquisador definir. Ao término do grupo, será editado documento final, que passará pelo crivo dos participantes e entregue por escrito a cada membro no encerramento.

3. Referencias:

ALBUQUERQUE, FJB. Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Jan-Abr 2002, Vol. 18 n. 1, pp. 037-042;

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Doenças relacionadas ao Trabalho: Manual de Procedimentos para Serviços de Saúde. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2001;

CODO, Wanderley (ORG). Trabalho Organizações e Cultura. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1998;

COSTA & LUDERMIR. Transtornos mentais comuns e apoio social: estudo em comunidade rural da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, fev. 2005.

Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 dez. 2008;

DENARDIN BUDÓ *et al.* Saúde e trabalho: uma correlação de conceitos na perspectiva de uma população rural e de Christophe Dejours. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre (RS) 2003 abr; 24(1): 43-52;

DEJOURS, Christophe. Conferencias Brasileiras: Identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho. São Paulo: Fundap : EASP/FGV, 1999;

DEJOURS, Christophe. O Fator Humano. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997;

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: estudo de psicologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1993;

Denardin, B M L *et ál.* Saúde e trabalho: uma correlação de conceitos na perspectiva de uma população rural e de Christophe Dejours. *Rev Gaúcha Enferm*, Porto Alegre (RS) 2003 abr; 24(1): 43-52.);

FARIA, Neice Müller Xavier et al . Processo de produção rural e saúde na serra gaúcha: um estudo descritivo. *Cad. Saúde Pública* , Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, jan. 2000 . Disponível em:

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2000000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2008;

FAVARETO, Arilson. The rationalization of rural life. *Estud.soc.agric.*, Rio de Janeiro, v. 2, Selected Edition2006. Disponível em: <http://socialsciences.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-05802006000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Dec 2008;

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: Guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro, Record, 2005;

HOEFEL, Maria da Graça, JACQUES, Maria da Graça, AMAZARRAY, Mayte Raya et al. Uma proposta em saúde do trabalhador com portadores de LER/DORT: grupos de ação solidária. *Cad. psicol. soc. trab.* [online]. dez. 2004, vol.7 Acessado 27/11/08, p.31-39. <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-7172004000100004&lng=pt&nrm=iso>;

LANCMAN, S. e SZNELWAR, L.I. *Christophe Dejours - Da Psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Rio de Janeiro : Ed. Fiocruz, Brasília : Paralelo, 2004;

MENDES, Ana Magnólia (org). *Psicodinâmica do Trabalho teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007;

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; JACQUES, Maria da Graça Corrêa; HOEFEL, Maria da Graça Luderitz. Trabalho de grupo com portadores de LER/DORT: relato de experiência. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2001. Em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100021&lng=en&nrm=iso>. Acessado: 28 Nov. 2008;

PERES, Frederico et al. Percepção das condições de trabalho em uma tradicional comunidade agrícola em Boa Esperança, Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2004000400021&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 nov. 2008.

PERES, Frederico; *et al.* Percepção de riscos no trabalho rural em uma região agrícola do Estado do Rio de Janeiro, Brasil: agrotóxicos, saúde e ambiente. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2005, vol. 21, no. 6 [citado 2008-12-01], pp. 1836-1844. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000600033&lng=pt&nrm=iso>;

Pires, *et al.* Intoxicações provocadas por agrotóxicos de uso agrícola na microrregião de Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil, no período de 1992 a 2002. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 21(3):804-814, mai-jun, 2005;

SILVA, R. A. N.; NARDI, H. C. . A emergência de um saber psicológico e as políticas de individualização. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 187-198, 2004.

SOBRINHO, Octacílio Schuler. Temas de Ciências Sociais – Controle dos trabalhadores rurais (p. 568-580). In: VIEIRA., Sebastião Ivone. *Medicina Básica do Trabalho*. VOL III. Curitiba: Genisis, 1995;

TRAVASSOS, Claudia; VIACAVA, Francisco. Acesso e uso de serviços de saúde em idosos residentes em áreas rurais, Brasil, 1998 e 2003. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007001000023&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 nov. 2008;